



PREÇO \$50

Jornal Semanário

Composição e Impressão

RUA DA OLIVEIRA ao Carmo, 21

LISBOA

Director e proprietário — José Tavares

Editor — Silva Cruz; Redactor principal — Souza Carvalho

Administrador — Gonçalves Reis

Redacção e administrador — Rua Alexandre Braga, 7, 1.º D.

## MIRAGENS

Freguez! Compra uma cautela?... Veja que lindo número! Que grande palpite!

A nenhum dos leitores, certamente, é estranha esta tirada. Não há rua na baixa que não a escute, quotidianamente, num ritmo monótono, enervante.

E' para me ajudar a viver, assopra-me aos ouvidos, um cauteleiro côxo, faces macilentas, rôto, e faminto; é uma esmola que me dá, cicia-me de outro lado uma velha, cega e andrajosa.

Por toda a parte o mesmo cortejo de misérias, esperando mais da ganância do que da caridade alheia. o mitigar de suas agruras.

Com efeito de todas as paixões, que agitam a humanidade, o jogo é sem dúvida, uma das mais fortes e avassaladoras, e, de entre as suas várias modalidades, é, talvez, o de lotaria o mais popular e concorrido.

O caso explica-se: é que, este jogo, não exigindo a grande argúcia e avultados capitais da especulação bolsista nem a técnica e decisão dos jogos de vasa, oferece, ao mais timorato, lucros tentadores por perdas ínfimas; o mínimo de esforço para o máximo de regalias.

Aproxima-se a lotaria do Natal, a mais importante, entre nós. Para esta, têm os bilhetes uma procura desusada.

O prémio é tão tentador, seis mil contos. Uma fortuna imensa pendente de cinco algarismos, cinco diminutas esferas giratórias que, no grande dia, produzem nos jogadores mais ansiedade do que as cotações da libra, o conflito Mandchú ou a crise mundial.

Não contem, é certo, o jogo da lotoria a emoção forte, a hipertensão nervosa dos chamados jogos do azar. Todavia, quanta ansiedade, que intimas esperanças não acompanham esse pedaço de papel, rico e considerado de início e, por fim, apeado do pedestal, misturado com outros papéis num cesto igualitário!...

E que emoções, que frisson não perpassam o jogador insofrido que, não contendo a sua expectativa, vai presenciar a almejada extração?!

Estes vivem, em minutos, uns filme intenso, rico de cor e de ilusão.

## Mocidade Espanhola

Tem continuado, em meio da franca camaradagem que rapidamente se estabeleceu entre uns e outros a entusiástica recepção feita pelos estudantes portugueses á embaixada académica, que a Universidade de Madrid enviou até nós.

Estou convencido que desta bela terra portuguesa, cavalheiresca e hospitaleira, levam os estudantes espanhoes as melhores impressões e até mesmo algumas saudades como á dias me dizia um deles procurando pronunciar essa palavra tão portuguesa que entre nós traduz aquele *gosto amargo e pungir delicioso* de que nos fala Almeida Garret.

Excursões destas, nunca é demais acentua-lo, são sempre úteis e proveitosas, tanto para quem as realiza como para quem as recebe, não só por contribuirem para um mais justo conhecimento mutuo como também pelo desenvolvimento que podem proporcionar ao intercambio intelectual entre dois povos que, embora visinhos, quási reciprocamente se desconhecem.

Para o mostrar bastavam as interessantissimas conferencias que na nossa Faculdade de Medicina realizaram os professores Bastos e Villa da Universidade de Madrid. Não deixou também de frisar esse facto o professor Gentil, no discurso de apresentação de um dos conferentes, lembrando ao mesmo tempo a oportunidade e o interesse que haveria na realização de conferencias periodicas feitas por professores portugueses em Espanha e por professores espanhoes em Portugal.

Efectivamente numa época em que há, toda a tendencia para abolir as fronteiras intellectuais entre os diversos povos, torna-se necessário acompanhar a evolução progressiva que em quási todos os paises estão sofrendo as ciencias e duma maneira especial as ciencias médicas.

Saudando os estudantes espanhoes que estão prestes a abandonar a terra portuguesa, *O Aldrúbia*, jornal de estudantes, deseja sinceramente que desta visita e das que se lhe seguirem, alguma utilidade resulte para as relações intellectuais dos dois povos.

J. T.

E' vé-los pensativos, nenhum sinal externo de vida, cérebros tumultuando em cogitações que se entrechocam!

Um empregado de comércio faz calculos minuciosos; além um jovem sonhador constroe lindos castelos de cartas; noutro sector um usurário, nariz adunco, olhar traçoeiro, entrega-se também á melopeia embriagadora das cifras astronómicas.

Seis mil contos!... Que linda quantia!

Pouco a pouco chegam os funcionários encarregados do sorteio; começam os preparativos, recrudescem a agitação no animo dos espectadores. Serenamente, irónicamente a es-

ferazinha segue a sua tragectória, indiferente áqueles olhos ávidos, irresistivelmente atraídos para ela, não a desamparando até ao terminus do raid.

Mais quatro reprises, está apurado o vencedor.

Mutação rápida: esfumam-se os sonhos, os rostos á pouco tão prazenteiros, tão confiantes no triunfo só traduzem agora desilusão e desespero.

E o bilhete tão acarinhado, esperança suprema d'um futuro melhor lá fica, rei sem trôno, farrapo humilde, envergonhado da sua glória, efémera como tôdas as glórias humanas.

Sousa Carvalho

## Carta da aldeia

Minha boa Amiga

Fez bem em escrever-me; é justo que as nossas almas se comuniquem conversem, vivam hoje, ao menos, das mesmas comoções que nos agitam e nos fazem estremecer de gratas e amargas recordações. Que este dia, de tanta importancia no destino de ambos, que representa para nós, todo um mundo de desilusões, nos seja consagrado; dediquemo-nos a êle, aproveitemo-lo, pois, avaramente e — quere? — recordemos os bons momentos passados na pequenina aldeola onde fomos creados.

Como eram bons os tempos de então em que felizes, percorrendo os campos, nos entregavamos ao nosso ídilio, estranhos á borrasca que se avizinhava!

Lembra-se, você, quando despertados, muito de manhã cedo, pelos gorgeios encantadores de um rouxinol que tinha o seu ninho numa árvore da horta, nós nos encontravamos? Enquanto juntinhos, muito baixinho, cantavamos a nossa felicidade, lá longe, nas estradas, nos campos, homens e mulheres dirigem-se para a faina quotidiana.

São vultos vigorosos e fortes, correndo-lhes no sangue o vigor, a valentia dos seus avós, que seguem, de bernal ao ombro, para o amanhã das suas fazendas, para as suas herdades.

São carros de bois que passam na estrada, gemendo nos eixos. Mais além é uma mulher, já curvada pelo peso dos anos, com o rosto sulcado de rugas, mapa vivo de tantos e tantos trabalhos honestos, que segue atrás das vacas pachorrentas levando aos ceus os sons monótonos dos chovalhos e campainhas. Agora são rapazes que de pifaros de cana nos lábios, correm trauteando, satisfeitos, para os montados com os seus rebanhos.

Tudo isto, querida Amiga, todo este cenário de um bucolismo simples, nos envolve, embriagando-nos com a saúde atroz dos tempos idos.

E das moçoilas? Recordar-se você, das moçoilas risonhas, que dançando no adro, ao som de alegres fanfarras, nos mostravam a brancura dos dentes, mostravam despreocupadas a pureza das suas almas?

Como era encantadora a vida entre aquêle povo!

Hoje, catorze anos já são passados: tudo na aldeia é diferente. Mudaram as gentes, o arvoredo, a Igreja, destrui-



ram os portaes onde passavamos as tardinhas, aplanaram montes, entulharam vales, tudo no desejo de bem receber, abrir alas, dar passagem ao Progresso.

Admira-se, boa Amiga? Sim, ao progresso, àquê progressão alegre, irónico, florido, de altivez garrida de que tantas, tantíssimas vèzes falamos.

Como é cruel a ingratião!...

Foi assim num dia lindo de Outono, que eu encontrei a aldeia, remodelada, beijada, acariciada por uma réstea de sol, mas nua, desprovida de tudo que a ela nos prendia. Tudo ali era estranho. Imagine você — que contraste! — nem lenços multicolores agitados por mãos amigas, nem os cães do cerrado, nem a charanga da terra, me acenaram festivos, me vieram esperar como, outrora, conosco sucedia!

Ainda obra do Progresso...

Corri apressado à nossa casa, ao cantinho onde julgamos encontrar a felicidade, esperando aí tudo estivesse na mesma; mas não, ao abrir a janela que dá para o hortêdo, vi logo que me enganara. Em vez da trepadeira verdejante que d'antes nos beijava as mãos, logo pela manhã, eu encontrei — Oh! capricho da natureza! — uma urtiga hirta e irasciva!

E já desesperado ia a afastar-me, quando, súbito, do fundo do quintal, da copa de um pinheiro, rompe um canto mavioso, todo ternura, vertendo um pouco de bálsamo na amargura da minha visita. Era o rouxinhol que você amou, criou cuidadosamente e que, no seu pipilar triste, parecia perguntar com saudade: Onde está ela?! O que é feito dela?!... Era por ti, perdão, por você, boa amiga, que êle chamava choroso, lastimando-se.

Desci a pequena rampa que nos leva à Ermida. Ao longe rebanhos descem os céros e vêm aproximando-se mais e mais, até que num cotovelo da estrada, surgem balindo um aqui, respondendo-lhe aquê além ecoando outro lá no fim, envoltos nuna aureola de poeira!

O adro estava deserto; já não havia moçoilas atirando ao ar alegres canções, apenas se ouvia o murmúrio lento, quasi uma prece do pequenino ribeiro que lamuriendo corre pelos campos fora.

Entre na Igreja e, sem perceber como, encontrei-me perto do velho confessorário, já todo carcomido, onde, quando creanças, juntos ajoelhados, contavamos injenuos, as nossas faltas...

Como é grato apelar para a reminiscências da nossa infancia!

Pouco tempo depois dava meio-dia. Doze badaladas que o sino deu, não com aquê som delicado, cristalino, que tanto nos encantava ouvir a matinas, mas um toque roufeno, agressivo, parecendo querer expulsar-me, chamando-me intruso.

Era outro o sino.

Barafustei, pretendi saber o que haviam feito do meu, do nosso sino bebé de riso cristalino e — quere ouvir? — soube que é hoje sineta do cemitério!

Entristecido, saí da aldeia a caminho da cidade; e já vinha longe, muito longe, já tinha entrado no bulício, no borborinho de Lisboa e ainda nos meus ouvidos ecoavam os meigos canticos do rouxinol do quintal, e o tilitar triste das campainhas dos rebanhos balantes.

Como vê tudo mudou; mesmo o sino! Até você, até eu!...

Seu afeiçoado

Silva Cruz

## ATRIBULAÇÕES DE UM PAI

O menino Chiquinho, assim lhe chamavam em familia, era decerto o filho mais obediente e respeitador que a uns pais é dado possuir.

Nunca faltava á hora das refeições e muito menos entrara em casa fora de horas pois conhecia bem a rectidão de principios e o génio exaltado de seu pai que, á menor irregularidade, lhe faria sentir o peso das suas papudas mãos.

De facto o Sr. Mateus, papà do Chiquinho era positivamente uma fera e mal transpunha o limiar da porta logo o barulho atoador dos seus esganiçados gritos fazia vir á escada a vizinhança curiosa e ávida de novos e complicados mexericos.

E' portanto de estranhar que numa madrugada de Agosto, nós vejamos o Chiquinho pálido e enfiado subir cautelosamente a escada e, depois duma prolongada paragem diante da porta da casa paterna, meter trememente a chave á fechadura, descalçar-se e muito silenciosamente esgueirar-se, de botas na mão, ao longo do corredor para onde deitava o seu quarto.

Não havia no entanto, nada mais justificavel porquanto o Chiquinho que fizera nêsse dia exame da sétima classe dos liceus conseguira, graças á sua comprovada intelligência e ao carinho dos mestres, apanhar um grandissimo chumbo ao péso do qual vergava. Receoso da cólera de papà Mateus, Chiquinho não fôra jantar e só de madrugada se arriscara a entrar em casa embora soubesse que, no dia seguinte, as suas costas seriam suavemente afagadas pelo nodoso bengalão do pai.

La pois o menino Chico a transpor a porta do quarto quando, ouvindo atraz de si um ruído cauteloso de passos, avistou ao fundo do corredor o pai, modêlo de virtude, que acabava de regressar da estúrdia e que também de botas na mão procurava não ser presentido.

Chiquinho ficou a principio extático perante a inesperada revelação mas depressa recuperou o sangue frio e, seguindo o processo de seu pai que fingira não o ver, entrou para o quarto e não tardou em adormecer fatigado por tantas e tantas comoções.

Depois duma noite de pesadêlos Chiquinho acordou e, preparado para o concerto harmonioso da voz paterna, penetrou na sala de jantar onde já se

encontravam os papás que apenas esperavam a chegada do menino para iniciar o almoço.

Contra toda a expectativa o Sr. Mateus, deveras comprometido pelo successo da noite anterior, nada disse ao filho e êste soube aproveitar habilmente a perturbação do pai. Assim, logo que se sentaram á mesa, Chiquinho voltou-se para a mãe e, com uma voz cheia de candura, disse:

— Oh, mamã eu queria contar-lhe uma coisa... mas se o papà deixar!... O pobre pai os olhos esbugalhados, agitando-se na cadeira mostrou ao filho por detraz da esposa uma nota de dez escudos preço do silêncio e titubiou:

— Dize, dize... porque não?!...

E Chiquinho:

— Bem então lá vai, mas... o papà deixa com certeza?...

Novo estremecimento paterno e uma nota de vinte escudos foi substituir a de dez acompanhada da voz cada vez mais excitante do Sr. Mateus que, a custo, articulou:

— Mas rapaz... para que é tanto mistério fala... dize o que é!

Satisfeito com o resultado Chiquinho repetiu ainda segunda vez a proeza e assim acrescentou:

— Não sei se deva... mas com certeza o papà não se importa?!...

A mãe deveras admirada apenas olhava o filho e não via o gesto trémulo do marido que, por meio de nova substituição, fez aparecer uma nota de cinquenta escudos e acrescentou, pálido como um cadáver:

— Mas homem... porque te não decides... fala!...

Finalmente Chiquinho resolveu pôr fim á cena trágica e foi, dando ao rosto uma expressão de tristeza, que disse:

— Oh mamã, sabe?!... eu fiquei chum... ba... do!...

Ouvindo êstas palavras o Sr. Mateus que esperava ancioso que o mistério fôsse desvendado respirou ruidosamente e exclamou num desabafo abraçando o filho:

— Que demónio, ainda bem! Porque não disseste isso há mais tempo?... Se soubesses o péso que me tiraste de cima?!...

E foi desta maneira engenhosa que Chiquinho se livrou da sova mestra que o esperava.

Laracha

## CÁ ESTOU EU

...mas desta vez não é para massar.

A nossa redação foi alvo de uma verdadeira avalanche de cartas inquirindo o motivo do meu silencio não escondendo os signatários as suas apreensões de que traçoeria enfermidade me tivesse, por uns tempos, roubado ao amêno convívio dos leitores e leitoras.

A todos agradeço penhoradíssimo a cativante solicitude.

Felizmente nenhuma doença me atacou e, se não os delicieei com com a minha prosa erudita no segundo número do jornal, foi apenas devido a uma vizita que fiz, no dia designado para entregar os artigos, ao meu grande amigo e conceituado filósofo Pinheiro.

Hoje sem vizitas a fazer, aqui me têm os leitores, disposto a aturalos, digo, a pedir que me aturem, por uns instantes.

Vou falar-lhes sobre: a mulher na... na... na... generalidade.

A mulher... a mulher... ora esta! estou prestes a emudecer!

Mais um esforço; Lá vai: a mulher... é a grande incógnita da vida!

Está bem escrito, não acham!?

Cómo resolver essa incógnita!?

Eu cá não sei! E os leitores o que dizem?

Como por hora se não pronunciam e eu não quero aprofundar o assunto, por... escrúpulos de consciência, apresentar-lhes-ei, por hoje, um curioso libelo dos árabes sobre o famoso sexo *ex-fraco*.

Lá vai... mas, tomai bem sentido leitoras gentis, eu limito-me a transcrever opiniões alheias. Sou neste assunto apenas um compêre de revista mas um compêre surdo-mudo.

É a mulher confusão,

É batalha perdurável,

Sanguessuga insaciável.

É cauda de escorpião,

É naufrágio do varão,

É um sepulcro dourado,

É um contínuo cuidado.

É uma cruz endiabrada,

É a carga mais pesada,

É origem do pecado.

É uma sorte enganosa,

É uma desdita certa,

É do inferno, porta aberta;

É serpente venenosa,

É peleja bem penosa,

É uma calamidade.

É o germen da maldade

É um adornado engano.

É um lamentável dano,

E mortal enfermidade,

É da paz perturbação

Da falsidade cimento,

É da glória impedimento,

Da bolsa o pior ladrão,

Do dinheiro inquisição,

Da soberba é ideal,

É dos vícios, mineral,

Da leviandade, abrigo,

Do homem pior amigo,

É principio e fim do mal.

Que tal? Gostaram?

Mas, reparem bem, não me anatemizem.

O conceito não é meu, é dos árabes.

Jagodes

## CINZAS

Jamais esquecerei o doce instante

Em que, perdidamente, te beijei;

Foi um beijo de fogo o que eu te dei

Na boca nacarada e palpitante!

Tendo-te junto a mim, tão confiante,

Que doido frenesi com que estreitei

De encontro aos meus os lábios que osculei

Num desespero atroz, dilacerante.

E, hoje, do momento de loucura,

De amor, de encantamento e de doçura

Em que toquei, de perto, a f'licidade;

Só resta uma lembrança santa e pura,

Mixto de desespero e de ternura,

Uma lembrança feita de Saudade.

Gonçalves Reis



**A piada não é nossa****Caso para admirar!**

—Esta faca não está limpa, Justina.  
— Pois devia estar, minha senhora;  
a última coisa que cortei com ela, foi sabão!

**Fora da circulação**

O Juiz:— Qual é sua ocupação?  
O prêso:— Não tenho nenhuma. Ando por aí a circular.  
O Juiz (para o oficial):— Tome aí nota que este individuo é retirado da circulação por 30 dias:

**Pela demora...**

A criada:— O Senhor tocou a campainha?  
O patrão:— Não, estava a dobrar a brar a defuntos. Julgava que você tinha morrido.

**Ferro velho...**

Uma doente imaginária queixa-se ao seu médico:  
— Doutor, tenho dores de cabeça que parecem marteladas; dóres no ventre como se me torcessem os intestinos com tenazes e, finalmente, tenho um ferro em braza no estomago...  
— Diabo! A senhora não é um caso pathológico, é uma casa de ferragens!

**Cena conjugal:**

Ela:— Tornas-me a vida insupportável!  
Ele:— Olha vai para o pé da tua mãe.  
Ela:— Não vou, não, bem sabes que o meu Pai é policia!

**Entre mulher e marido!**

—Porque será que a mamã tem sempre o nariz vermelho?  
— Naturalmente porque o nariz cõra envergonhado de ver a dona estar sempre a metê-lo na vida alheia...

**A pequenita rica:**

A mamã comprou-me um irmãozinho.  
A pobrezinha:— Lá em casa, como não há dinheiro para os comprar, é a mamã quem os faz.

**Gaguês**

O amigo gago:— O-o-o-olha lá, meu caro, v-v-vem d-d-d-dar uma volta c-c-c-comigo, d-d-d-d'uma hora ou duas, q-q-q- quero con-v-v- versar contigo uns cinco m-m-m-minutos.

**Num baile**

Ela:— Parece-lhe que sua mulher nos está observando?  
Ele:— Não. O que ela está é a vêr se eu a estou observando a ela!

**NOS BASTIDORES:**

Um jornalista entrevistando uma conhecida artista.  
—Qual o genero de teatro que V. prefere?  
Ela sem hesitações  
O historio...  
???  
Por ser a Empreza que fornece o guarda-roupa.

**CHARADAS**

1 Um *astro* tão flamejante  
que *serve para jogar*  
às vezes usa turbante  
E tem garbo *militar*—1, 2

2 Este é sempre *campeão*  
Quando o *vento* lhe sorri,  
Mas *não tem sorte* o ladrão,  
Dizem pr'aí... eu não vi—1, 1

3 Tem uma *flor* bem bonita  
E *nada má*, podem crêr  
Numa *cidade* catita  
Não devem deixar de vêr—1, 2

4 Dizem não *ser*, mas enganam-se;  
*bôa*, mas só ao contrário, é um *nome*  
que lido às avessas faz parte do  
verbo amar—1, 1

5 Sendo *burro* em francês, com  
*pouca vida* em português, dá um *nome*  
muito aquático—2, 2

**Decifrações anteriores**

- 1) *aipo*
- 2) *furacão*
- 3) *laracha*
- 4) *Alentejo*

**ULTIMA HORA**

Dizem-nos de New York que em Broadway, em plenas barbas da autoridade, várias damas *yankees*, aderentes á *humidade*, fizeram passar a occultas, nas barbas dos seus espartilhos, quantidades apreciáveis de «Aldrúbia Wine», nova marca de vinhos licorosos que deixa a perder de vista as suas concorrentes.

**Agora a sério**

Depois do nosso artigo de fundo ter ido para a máquina, soubemos que os estudantes espanhois anteciparam de dois dias o seu regresso a Madrid.

À hora de fechar o jornal soubemos que a nossa presada assinante Mademeselle Maria Antonieta Areosa Ribeiro festeja no proximo dia 23 o seu aniversário natalício.

A direcção de «O Aldrúbia» apresenta-lhe gostosamente os seus cumprimentos e felicitações.

**GRAVE DESASTRE**

A Rua do Amparo foi hontem teatro de um dos mais impressionantes desastres a que Lisboa tem assistido nos últimos tempos.

O acidente foi resultado pela dificuldade do transito, resultante da aglomeração de pessoas que resolveram habilitar-se à grande do Natal comprando jogo ao conhecido cambista *Gama*.

**Suave Reliquia**

Por esse Mundo caminhando vai  
Respeitoso, atquebrado e velho,  
Como Moisés no ingreme Sinai,  
De Deus segue pregando o Envagelho

Combatendo a usura e o mal,  
Num coval dormindo ou sob um ciprestre;  
Frei Antonio saiu de Portugal  
A glórias cantar do Divino Mestre.

Seus sermões simples de linguagem beta!  
Foi de todos ouvido com cautela  
Quem bem falou de Amor e de Luz.

Chamou-o Deus por um suave canto;  
Lá longe, em Itália, morreu o Santo  
Dizendo: Minha alma está com Jesus

SILVA CRUZ

**Caixote do Lixo**

Com assuntos variados,  
Mesmo de fazer furor,  
Tiraram-se de cuidados,  
Escreveram, desalmados,  
Sobre a mulher um pavôr;  
Eram linhas e mais linhas,  
Tanta palavra perdida,  
E as damas, coitadinhas,  
Vão-se julgar, as daninhas,  
Indispensáveis à vida!  
Não vou censurar ninguém,  
Cada um faz o que quér,  
Reparem todos, porém,  
Que não está lá muito bem  
Tratarem só da mulher.  
Um, em prosa bem talhada,  
Quiz falar desse demónio  
E não pensou em mais nada,  
Pregou-nos logo a maçada  
Da «Mulher e o matrimónio».  
Vem o outro logo atraz  
E, num despotismo ignoto,  
Não repara no que faz,  
Não procura assunto e, Zás,  
Vai «A mulher e o voto».  
Lembrei-me de protestar  
E érgo bem alta a voz  
Para hoje perguntar,  
N'um ruído de atroar,  
Que é a mulher sem nós?...  
Não me importa o director.  
Diga êle o que dissèr,  
E tú concorda leitor,  
Tenho razão, sim senhor,  
É de mais tanta mulher!...

Laracha

**GRALHAS**

Como era de esperar recebemos no 2.º número do nosso semanário a desagradável visita d'este antipático alado... Pedimos, portanto, aos leitores o favor de rectificarem no artigo «A mulher e o voto», 39.ª linha, o seguinte: onde se lê «em Portugal dizer-se tem vencido», deve lêr-se «Portugal, pode dizer-se, tem vencido» e no artigo «a mulher e o matrimónio», 20.ª linha, onde se lê «Ao estudo dessa directriz dessa nova vida», deve lêr-se «Ao estudo da directriz dessa nova vida».

**Diário da Manhã**

A direcção de «O ALDRÚBIA» verdadeiramente penhorada pelo acolhimento benévolo que a Administração do DIÁRIO da MANHÃ se tem dignado dispensar-lhe, endereça a êste Jornal os seus melhores agradecimentos.

Este número foi visado pela  
**COMISSÃO DE CENSURA**



# TEATRO DA TRINDADE

Telefone 22071

Hoje às 9,30 horas

Espectáculo inteiro

2.<sup>a</sup> representação pela companhia

Lucilia Simões

da comédia em 3 actos

de Felix Bermudes e João Bastos

# O ALDRABÃO

Protagonista : NASCIMENTO FERNANDES

**BILHETES A VENDA**

## Perfumaria Universal, L.<sup>DA</sup>

Cremes e pó de arroz de todas as boas marcas

PRODUCTOS BENAMOR E NALLY

BIJOUTERIAS

O maior e mais lindo sortido em colares, brincos, pulseiras, etc.

**ROCIO, 101**

## MAISON LOUVRE

Fatos e Vestidos

para Creanças

Unica casa

especialista

no Paiz

106, Rocio, 107

## LUIS VICTOR ROMBERT

Sempre variedades em colares "chics"

**CHAPEUS**

ultimos modelos

As mais recentes novidades de Paris

Rua Nova do Carmo, 63

Telefone 2 6541

## MODISTA

EXECUTA VESTIDOS

GENERO

ALFAIATE E TOILETTE

PREÇOS MODICOS

RUA DA CONDESSA, 26, 1.º E.

Telefone 20264



**RHEUMA**  
XAROPE PEITORAL  
CONTRA TODAS AS TOSSES

## Instituto Pasteur de Lisboa

## PROFESSORA

Diplomada e Inscrita

Habilita a exames de

Português e Francês

Rua da Era, 22, 2.º